LUNA
moa sipriano
moasipriano.com

LUNA

Moa Sipriano

Eu estava atordoado com as andanças frenéticas de Clécio pelo quarto. Abre uma gaveta aqui, atira todas as peças para o alto, agarra uma camiseta berrante ali. Outra gaveta é escancarada.

Desolados, lenços flutuavam pelo ar nicotinado. No oitavo *round*, era a vez de uma fileira interminável de espremidas calças de todos os formatos e cores, dentro do exausto guarda-roupa, serem folheadas como se fossem páginas carcomidas de um catálogo da Avon.

"Vermelho-Sou-Uma-Vaca combina com Azul Escarlate?", questionava a mariposa prestes a se transformar numa borboleta deslumbrante.

Eu já conhecia o resultado da longa produção.

"Definitivamente... não. E com esse cabelo todo armado, você vai parecer uma vassoura de bruxa dançando frevo", respondi, com minha tradicional sutileza moldada pelas mãos hábeis do Capitão Caverna.

"O senhor não entende nada de Moda. Vestido assim, saiba que vou atrair muitos pretendentes para degustar esse *corpitcho* quase pronto para o abate, viu queridinho", ironizou Clécio, correndo para o banheiro que ficava no fim do corredor daquele apartamento cuja planta certamente fora desenhada por um duende vesgo.

A porta permaneceu aberta.

"Maaauuuu... *please*, entra aí no meu Orkut e apague todos os recados fofos que emporcalham meu perfil. São esses cheios de coisas piscantes e mensagens idiotas de veja isso, clique naquilo... você entendeu, né?", gritou minha Miga, discreta igual a uma girafa dirigindo um fusca conversível, já debaixo da ducha fumegante, onde a nuvem de um vapor espesso inundava o cubo azulejado um e meio por um e meio que ela insistia em chamar de casa de banho.

Eu não era muito fã dessas comunidades virtuais ou de qualquer site de relacionamentos. Por não ter nada melhor capaz de eliminar o tédio e meu nervosismo naquele instante, catei o note do meu amigo, lia e apagava os verdadeiramente horrendos "recados fofos".

Passados uns oito minutos de deletação constante, meu trabalho ingrato havia chegado ao fim. Clécio continuava no banho, preparando o corpo para mais uma noitada de sexo, drogas e bebidas batizadas, não necessariamente nessa ordem.

Odeio bisbilhotar as particularidades das pessoas, mas, para matar o tempo, não resisti à curiosidade que corria meus instintos e passei a observar os "amigorkuts" do meu querido caçador de *falus erectus*.

"Você conhece cada um desses sujeitos listados aqui no seu perfil?", questionei Clécio.

Ele estava diante do espelho, envolto numa toalha laranja, chacoalhando os longos cabelos úmidos de um lado para o outro, parecendo um Sheepdog tendo um ataque epilético.

"Magiiiina. Não conheço nem dez por cento desse povinho. Sabe como é. O pessoal pede pra ser adicionado e eu deixo entrar. É assim que funciona. Pediu, entrou. Essa é a minha filosofia de vida!"

"Sei, conheço muito bem a essência da sua 'filosofia'. Eu seria bem mais seletivo se tivesse um perfil aqui", respondi, sem olhar para Clécio, pressentindo que a dança do cachorro doido ia prosseguir por mais um bom tempo. Ele secava os cabelos com uma terceira toalha, já que a segunda, ensopada, fora deixada empastelada sobre o chão de tacos medievais.

"Você é tão seletivo que continua sozinho até hoje, né verdade? Quanto tempo? Quatro, cinco anos sem meter?"

Notei um sorriso levemente coringa a emoldurar aquele rosto magro e descorado refletido no pedaço de espelho colado na porta do guarda-roupa.

"Prefiro continuar como estou. Melhor solteiro e centrado do que casado e paranoico", respondi, sem confiança alguma em minhas próprias palavras.

Encostado na cama descomunal de Clécio – um móvel totalmente fora de contexto dentro daquele quarto claustrofóbico –, eu apoiava minhas costas entre duas assombrosas almofadas de espuma recobertas com um tecido dourado de gosto duvidoso, quando mudei rapidamente de assunto, agradecendo meu amigo pela hospedagem de última hora.

Meu quarto-cozinha fora vítima de um vazamento vindo sei lá eu de onde. Meu espaço, alagado, tornou-se um local nada agradável para usufruir um fim de semana.

Deixei todas as arrumações e dores de cabeça a cargo do meu irmão, dono do imóvel, que me havia alugado o dito-cujo problemático. Ele tinha bem mais brio do que eu para enfrentar esse tipo de situação desgastante.

"Não precisa me agradecer por nada, Mau. Minha casa, sua casa. Largue mão de viadagens. Isso é exclusividade da lindinha aqui. Fique o tempo que quiser. Mas tire essa mochila horrenda do meio do caminho, *pleaseee*!", respondeu um Clécio já praticamente montado para a grande sexta-feira notúrnica.

Irreconhecível, dotado de uma beleza à base de maquiagem corretiva e quilos de coisas estranhas que mudaram drasticamente seu cabelo antes armado para algo liso e luminoso, Clécio certamente conquistaria a companhia de muitos parceiros no decorrer da noitada, pulando de boate em boate, bar em bar, cama em cama ou beco em beco. Confesso que eu admirava sua coragem e disposição. Tínhamos a mesma idade.

“Tem certeza de que não quer vir pelo menos ao Finland's comigo? Não precisa caçar ninguém. Somente beba, paquere, relaxe. De repente, vai que você encontra um principezinho encantador, louquinho para traçar um quarentão gostosão?”, cacarejou Clécio, enquanto procurava as chaves do carro e do apê, sem antes dar mais uma conferida no visual Zig Stardust.

“E isso não é uma cantada, viu docinho!”, continuou Clécio, beijando-me a fronte suada, entre gritinhos de puro sarcasmo. Nossa amizade era concreta há mais de vinte anos.

Ganhei mais um beijo melado, agora na minha face esquerda. E um adeus.

Em segundos, Clécio em sua produção gliterizada, regada a um litro de perfume barato, abandonou o quarto como se fosse uma aparição alegórica. Senti-me indescritivelmente sozinho.

Fui até a diminuta cozinha à procura de algo para beber. Felizmente havia pouca comida e muita cerveja. Peguei duas latas, virei uma pelo gargalo, degustado todo o líquido sagrado em segundos.

Já a segunda lata, aberta e espumante, levei comigo até a cama-concreto, onde jazia o *notebook* ainda operante.

Continuei minhas pesquisas, avaliando fotos de gostos duvidosos inseridas em perfis vazios, sem um pingo de criatividade na transposição das palavras. Já estava desistindo de ver peitos cabeludos e bundas flácidas, quando um sorriso tímido chamou minha atenção.

Luna Feurig, vinte e cinco anos, caixa de banco. Gosta de cães, andar de bicicleta, assistir todos os seriados da tevê a cabo; ama uma dupla alemã simpática que canta em um inglês carregado no sotaque, não vive sem seu celular, e os DVDs com todos os shows da Madonna já foram assistidos centenas de vezes, segundo seu relato.

Um turbilhão de fotos do rapaz de sorriso maroto ia passando diante dos meus olhos em álbuns muito bem estruturados. Luna segurando no colo um de seus cães. Luna no topo da montanha Weistüdorf, o ponto mais alto da ilha chamada Lovland, aparentando cansaço, mas sem perder o lindo sorriso estampado no rosto vitorioso. Luna numa espécie de feira automobilística aqui mesmo, na minha Cidade Cinzenta, ao lado de um carrão incrementado, daqueles cheios de detalhes cromados e badulaques tecnológicos emoldurados em néon azul. Luna com os pais e os amigos comendo montanhas de carne vermelha esturricadas numa grelha descomunal, Luna sentado diante do seu PC, fazendo pose para a *webcam*. Luna jogado numa poltrona de couro bem gasto, trajando uma bermuda azul e uma camiseta verde-azul sem definição onde a palavra “italia” em branco se destacava ao centro.

Seu olhar magnético hipnotizando a câmera implorava por carinho e atenção. Oh, como eu queria desvendar os mistérios daquela Itália surrada que cobria seu peitoral ainda com ares de adolescência. Minha boca salivava de desejo de beijar-lhe os mamilos róseos.

Uma imagem me conquistou de vez. Luna na praia de Gobsun. Um ensopado calção laranja a tornear flamejantes coxas sensuais. Cabelo descolorido, olhar perdido ao longe, como a buscar no infinito o grande amor da sua vida.

A bateria do note pedia arrego. Procurei sem sucesso o carregador. Fechei a tampa do velho Acer para que descansasse em paz. Felizmente houve tempo suficiente de passar algumas fotos de Luna para o meu inseparável V3 cor de chumbo.

Aquela sexta enluarada envolta numa temperatura suave, no ponto ideal para o meu espírito que odiava o calor, trouxera-me inspiração e um pouco de paz. Eu descansava meu corpo na beira da cama de Clécio, em um local onde eu podia avistar um pedaço da lua perdida ao longe e apreciar pela intuição algumas estrelas que se esforçavam para emanar suas luzes difusas acima da poluição e da iluminação excessiva da tórrida cidade.

Apaguei a luz do quarto e viajei para além das fronteiras do antigo apartamento. Com meu olhar ainda fixo nas estrelas imaginárias, assim que a lua abandonou parte do seu curso, eu via mentalmente a ponte que separa o Continente da ilha de Lovland.

Imaginei Luna caminhando pela praia, sem destino, a sonhar com o derradeiro encontro com seu amado que viria de um lugar talvez distante, dando cavalos-de-pau que formariam “oitos” perfeitos com as marcas dos pneus encravadas na areia, a bordo de seu carro cheio de truques. Agora eu sabia que meu menino adorava carros esportivos. Odiei-me por não saber dirigir até hoje.

Já era alta madrugada quando despertei de um cochilo teimoso. Abri o celular para conferir as horas. E aquele sorriso mágico invadiu minha tela pequenininha.

Por mais absurdo que… oh céus! Eu estava começando a me apaixonar por uma imagem de alguém que eu nem sabia se era real!

Joguei minhas bobagens para debaixo do colchão.

Após uma mijada clássica e demorada, escovei os dentes e recolhi meus restos para o meio de um sofá dois lugares que mal comportava meu corpanzil que ostentava orgulhoso o título de “quarentão gostoso”. Adormeci embalado num sonho difuso onde apenas o olhar piedoso de Luna me guardava o sono pesado.

Despertei sentido cheiro de fritura empesteando o ambiente ainda pouco iluminado. Mal acreditei ao observar um vulto embaçado devorando uma porção

generosa de batatas fritas que repousavam fumegantes sobre a mesa da cozinha. Uma garrafa gigante de Coca-cola *light* trincando de tão gelada finalizava o cardápio matinal.

"Sente, coma e apague essa cara de espanto, Mau", disse Clécio, apontando a cadeira para um zumbi sonolento.

"São oito da manhã. Como você consegue com...", não tive tempo de terminar a frase, pois Clécio já havia posto um quilo de batatas no meu prato e se preparava para encher um copo de plástico com motivos ursinos, que de tão colossal daria para eu me afogar dentro dele.

"Fiquei com cinco. Transei com três. Mal consigo sentar. Tô num bagaço só... e com uma fome que você não acredita!", emendou Clécio, com a boca cheia de batatas asfixiadas em ketchup, gritando por socorro… a boca e as batatas!

Devo confessar que eu também sentia muita fome e até que as amarelinhas estavam deliciosas, sequinhas e crocantes, como eu gosto.

Empanturrados, ainda nos deliciamos com um resto de uma cuca ancestral, com recheio de goiabada.

"E o senhor... caçou muito pelo Orkut ontem?", disse Clécio, limpando as mãos e a boca na borda da toalha de mesa.

"Não vou mentir a você, mas acho que estou apaixonado", respondi ao meu melhor amigo, baixando o olhar de vergonha, pois eu sabia que viria uma saraivada de gozações pra cima de mim. Um, dois, três segundos...

"Ai minha Senhora Traveca do Bom Pinto Dotado, só me faltava essa. Você achou alguém. Péra aí... ha, ha, ha... preciso chacoalhar o Tico e o Teco aqui dentro. Pronto. Meu penteado continua intacto?", Clécio balançava de um lado para o outro o emaranhado de fios dourados e opacos que outrora estavam lisos e brilhantes sobre sua cabeça miúda.

"Deixe-me adivinhar. O Sr. Certinho provavelmente viu apenas a foto de um certo alguém e já tá de quatro pelo bofe? Eu posso com isso? Ainda mais você? Acho que vou vomitar", riu Clécio despudoradamente, simulando enfiar dois dedos garganta abaixo.

"Confesso, o perfil era um tanto vago, simples demais, mas não vou negar que as fotos do garotão me chamaram a atenção. De repente, pinta uma amizade, sei lá..."

"Um garotão? Claro, só podia ser, né, Sr. Leite Ninho", Clécio separava a louça suja.

"E outra coisa, meu amor. A gente não perde tempo 'fazendo amizade'. A gente leva logo o bofe pra cama, e se ele der conta do babado, depois vem a tal da amizade.

Isso nunca vai mudar no nosso mundo colorido", disse meu professor de etiqueta bambee, enquanto amarrava o avental que já fora bege em torno da cintura fina.

"Olha Clécio, eu não acredito muito nessa coisa de amor virtual à primeira vista. De toda aquela sua lista infindável, eu só achei esse rapaz bonito, simpático, com pinta de ser honesto. Ele aparenta ser inteligente, ter um bom papo, essas coisas", respondi na defensiva, disfarçando meu nervosismo adolescente entre um prato e em seguida um copo que eu enxugava em frenesi, depositando-o sobre um canto limpo da mesa redonda.

"Mau, eu acredito em trepada à primeira vista, isso sim. Mas, sei lá, esse mundo é tão doido. Quem sabe você tenha sorte na sua investida insana. Entre em contato com o bofinho, não custa absolutamente nada tentar. O máximo que pode acontecer é um 'não' ou um 'você é ativo ou passivo' e dependendo da sua resposta, pelo menos uma rapidinha você pode descolar rapidinho... hi, hi, hi... sim, eu sei que foi sem graça!", grunhiu Clécio, fechando o semblante num teatro mambembe, lavando com afinco a travessa de cerâmica suja de óleo, onde as batatas do nosso café da manhã reforçado foram servidas.

"Acho que vou arriscar um contato", eu disse, desconfiando da minha própria iniciativa.

* * *

Caminhando pelo centro da cidade sem cor naquele sábado turvo de setembro, onde um sol tímido mal conseguia adentrar com seus raios quentes a fina malha que cobria meu peito inchado de pelos dourados, o instinto me guiou até o Terminal Rodoviário, onde meu olhar nervoso avaliava os novos horários de ônibus que interligavam o mundo e Lovland, afixados num impecável e modernoso painel de vidro, ao lado do guichê único de venda de passagens.

De volta ao passeio matinal, parei para tomar um suco de maracujá no Alcides, um velhote bonachão que era conhecido em toda região. Seus doces deliciosos e inesquecíveis à base de pinhão e seus variados sucos servidos com fartura, a um valor justo, eram uma tentação para os moradores e turistas que lotavam seu estabelecimento em qualquer hora do dia.

O suco da fruta da paixão bailava em minha boca, produzindo sensações inefáveis na minha mente eufórica. Enquanto sorvia o néctar afrodisíaco, eu não conseguia eliminar Luna dos meus pensamentos. Suas fotos estavam intactas no meu celular. Vira e mexe, lá estava eu a zapear entre os botões, escolhendo como plano de fundo da minha tela uma pose que refletisse aquele olhar caramelo que abrilhantava a minha alma em agonia.

Ah, aquela foto na praia de Gobsun... um ensopado calção laranja a tornear flamejantes coxas sensuais...

Que loucura!

Como eu poderia aceitar essa paixão instantânea por algo meramente virtual? Por mais que eu compreendesse que a Internet é apenas uma porta de comunicação entre as pessoas e que em nada difere de uma palavra escrita numa carta ou até mesmo de um encontro casual dentro de um bar, eu ainda alimentava sérias dúvidas se deveria prosseguir ou não na descoberta de amor praticamente impossível.

Meu Deus, eu falei em Amor? Eu deveria estar louco. Quando um jovem como Luna, se é que aquela foto e aquele perfil pertenciam a essa pessoa, se interessaria por um cara como eu?

Tudo bem que acho que não sou de se jogar fora. Sou um homem de graúdos traços alemães, tenho quase dois metros de altura, pele alva e cabelos transparentes de tão aloirados, e um par de olhos de um anil misterioso, onde meu olhar sensual pode ser considerado meu maior trunfo na conquista de um pretendente ao meu coração.

Devo confessar que não me considero bonito. Sou um homem até muito comum, padronizado, um urso loiro estereotipado, com cara de Brucutu anos 1990.

Acredito que até me cuido muito bem. E aos quarenta, tenho tudo em cima, nada caindo aos pedaços (a não ser meu espírito derrotado pelas guerras travadas no passado com inúmeros amantes insensíveis e descartáveis). Sou um homem simples no trato. Um trabalhador braçal que tira o sustento restaurando móveis antigos. Essa é a minha verdadeira paixão.

Quatro anos atrás, depois da separação do meu último e malfadado companheiro, graças a alma caridosa de Murilo, meu irmão mais velho, ganhei um novo lar onde pude recuperar-me das feridas emocionais a que havia me submetido ao escolher um sujeito que apenas se aproveitou do meu caralho, da minha carteira, da minha casa e dos meus pertences, não necessariamente nessa ordem.

E quando a carteira começou a esvaziar, as chupetas e as trepadas de cinco minutos na lavanderia se esvaíram também. Alexandre foi embora. Em busca de outro Eldorado idiota. Perdi a cabeça. Perdi a noção. Perdi tudo. Acabou. Nada mais.

Mas isso, agora, é coisa do passado.

Após a tristeza em ver uma das paredes do meu apartamento com um talho de cima a baixo e pedaços de concreto emporcalhando meu chão cerâmico que outrora de tão limpo podia-se degustar uma refeição sobre dele, discuti detalhes técnicos entediantes com o pedreiro contratado pelo meu irmão para sanar o problema do cano histérico e temperamental que havia se rompido.

Tendo a garantia de que eu poderia voltar ao meu lar já na segunda-feira, agradeci o homem com um sorriso amarelo que não escondia minha ascendente decepção.

Só de pensar que eu passaria o primeiro dia útil da semana pintando, limpando, lavando, encerando meu canto, isso já me causava arrepios e cansaço.

De volta ao meu lar provisório, encontrei sobre a cama fora de proporções um bilhete de Clécio, onde sua letra cheia de estrelinhas informava seu paradeiro: a louca ia passar o sábado e o domingo se estrebuchando de tanto "namorar" e beber na companhia de "uns cara" que ela havia conhecido no Finland's na noite passada.

No verso do papel cor-de-rosa, a velha deslumbrada havia anotado um número de celular – desconhecido por mim –, e um "caso você encontre seu *baby beef* do Orkut e resolva trazê-lo para nossa *party*, basta ligar que eu te ensino o caminho". Assim terminava o recado redigido com tinta arroxeada, repleta de pontos brilhantes.

* * *

Já era hora do almoço.

Fiz um pão-com-ovo no capricho e me esbaldei nas Stella Artois da vida.

Ele piscou para mim, implorando para que eu abrisse sua tampa plástica bicolor. Um longo fio o mantinha aceso e cheio de energias. Bateria no osso já não seria mais um problema.

Com um medo desproporcional, quase que sobre-humano, eu não tinha forças para abrir e encarar a tela mágica. Eu não queria me entregar a uma paixão suicida e desgastante. Nem que fosse por uma foda de apenas meia hora. E olhe lá!

Que absurdo eu estava pensando? Eu não desejava Luna para sexo. O que eu sentia por ele era amor. Mesmo não querendo aceitar os fatos, eu já estava apaixonado por aquele rapaz. Tapei o rosto, sentindo uma imensa vergonha de mim-eu-mesmo.

O *notebook* me hipnotizava. A porta para o universo paralelo estava bem ali, a apenas alguns centímetros de distância.

Comecei a chorar. Chorar copiosamente. Que maluquice. Chorar por algo que nem aconteceu? Desesperar-me por alguém que nem sequer sabia da minha existência?

Aquele sorriso tímido. Aquele olhar único. Ele rindo na tela do meu celular. Ele me chamava. Ele queria minha presença. Que maluquice. Abra o note. Acesse a Internet. Uma voz. A voz do meu anjo fumado. A luz. A tela acesa. O mundo todo em minhas mãos.

No Orkut, Clécio havia deixado sua senha exposta. Tudo no automático. Abre perfil. Vasculha álbuns. Não, seu idiota, não é ai. Ahh, agora sim. Amigos. Amigos dos Amigos. Confuso, mas não desisto. Cinco minutos. Pronto, achei!

Luna Feurig, vinte e cinco anos, caixa de banco, gosta de cães... aqui está você. Porra, como eu faço para entrar em contato? Ah, sim, enviar mensagem. Puxa, como sou tolo. Todo homem apaixonado vira um idiota quando ama. Pronto... agora é só digitar. Entrego o ouro. Escrevo sem parar:

> *"Luna, nem sei se esse é mesmo o seu nome e se você é o cara que aparece nas fotos. Sei que pode parecer loucura o que escrevo aqui, agora; mas, não nego que você me atraiu, e não somente pela beleza do seu rosto lindo e tímido, pelo seu jeito de moleque carente implorando proteção. Acredite… é muito mais do que isso. Vejo além. Sinto algo muito além das aparências. Quero uma chance, uma única chance de conhecer você, nem que seja por três minutos apenas..."*

Completei meu pedido errático com mais meia dúzia de frases clichês. Cliquei em "enviar" e a mensagem nem saiu do lugar. Pipocou na tela um alerta. Ele não aceitava meu pedido de contato. E agora, o que eu faço?

Volto para o perfil, caço mais informações. Um *e-mail*, eu preciso de um endereço eletrônico. Roda, roda, roda a tela para cima e para baixo. Ufa, aqui está. Humm... hã hã... *arroba hotmail.com*. Amém. Consegui!

Copio mentalmente o endereço, vou até meu Hotmail. Esqueço o copia-e-colar. Escrevo tudo de novo, tentando inutilmente caprichar na poesia das palavras, ato que nunca foi meu forte. Envio a mensagem. Peço aos deuses cibernéticos que atendam o meu último chamado.

Abro a quinta Stella. Estou exausto.

Agora devo aguardar. A minha sorte está lançada.

Eu durmo. Vem o sonho. Nítido. Eu entro no banco. Sou praticamente o único cliente visível. Na minha frente, uma simpática mocinha de pele sardenta abre seu sorriso vítreo e me chama pelo sobrenome.

"Senhor Springer, em que posso ajudá-lo?", ela diz, afável. Eu perscruto o ambiente.

No caixa de número três lá está ele, trajando uma camisa fina de um azul límpido. E na parte baixa do seu corpo esguio, uma calça preta de perfeito caimento

molda-lhe as coxas divinamente torneadas. É impossível não reparar no volume do seu sexo em repouso e nos seus glúteos certamente macios. Eu queria beijar cada poro do seu corpo.

Devolvo um sorriso educado para a atendente, retirando-a do meu caminho. Triunfante, sigo em direção ao meu amado. Ultrapasso uma barreira de vidro. Ele me vê. Ele sorri. Embotado diante da surpresa jamais aguardada, ele me quer, sinto e vejo e capto isso em seu olhar esverdeado. Buscamos o nosso abraço. Abrimos o nosso mais esplêndido sorriso.

O telefone toca.

"E aí, beesha velha, a senhora vem ou não vem se divertir um pouco com a gente? Tem cerveja e um punhado de bundas pra quarentão-ativo nenhum botar defeito. E se quiser uns pintos, meu amooorr, tem cada caralhão! Abafaaa! Ei, hellooooo... tem alguém aí?", gritava Clécio, mais pra lá do que pra cá, tentando suplantar o som inebriante do Modern Talking tocado no volume máximo.

"Sua louca, eu estava dormindo e você acaba de estragar meu grande encontro".

"Sonho? Grande encontro? Aliceeee, acorda... tu é tão azarada que nem no sonho consegue um bofe... ha, ha, ha... Ciao, volte para a cama... sozinho... ha, ha, ha, ha!"

Bum! O telefone foi desligado na minha cara. Eu buscava ar fresco de todas as maneiras. Meu corpo suava em bicas. Eu não me conformava de sequer ter abraçado Luna em meu sonho impossível.

Levantei-me da cama a contragosto. Uma mijada. Outra cerveja. De volta para o computador. Abri meus *e-mails*.

Céus! Lá estava o Grande Sinal!

Apenas uma frase, uma única e decisiva frase abria as portas da minha esperança quase extinta:

"Vc está no MSN? Me *add*... e poderemos conversar. Lindão, olha só... estou *on*..."

Uma mensagem marota escrita por um menino apaixonado, assim como eu. Estabanado feito uma gazela maconhada, quase pus tudo a perder ao derrubar o note do meu colo, tamanha era minha alegria. A sorte foi o equipamento ter pousado em uma das almofadas que milagrosamente estava caída no chão, no lugar certo, na hora do impacto.

Olhei para um céu de fantasias, agradeci a Deus e a um punhado de santos os quais eu ainda lembrava o nome. Fiz o sinal da cruz, deslizando os dedos sobre meu peito ursino.

Pousei com todo o carinho o note sobre o colchão. Fui até o banheiro, lavei o rosto com água em excesso e espuma rala de um Dove em fim de carreira.

Eu simplesmente não conseguia conter as lágrimas. Eu estava apaixonado por... nem mesmo eu entendia mais nada.

De volta ao quarto, inspirei e soltei o ar por uns cem minutos, antes de acessar o mensageiro instantâneo. Os bonequinhos verde e azul rodopiavam como loucos na minha frente. Eu era o azul e o verde era Luna. Na minha mente infantil, éramos o casal feliz a bailar por entre as nuvens de *bits* e *bytes* provenientes da Grande Rede Mãe.

"Minha Santa Internet, a senhora quer ser a nossa madrinha de casamento?", eu pensava em alto e bom som. Eu ria, envergonhado da minha sandice.

Mas seria isso possível? Em apenas um único contato poderia surgir as nuances de um amor real e sincero? O que me aguardava daqui a alguns segundos? Gira, gira bonequinhos... Meu Deus, a tela se abriu. O que faço agora? Relaxo e gozo?

Alguns contatos de trabalho, um ou outro amigo estava *on line*. Nada de Luna.

Mantenha a calma. O tempo sempre passa rápido demais. Eu tamborilava a ponta dos dedos frios por sobre o *touchpad*. Uma tela pipocou na minha frente. Meu convite foi aceito. Um, dois, três segundos... ai *Gsuis*... Luna verdinho!

Abri a janela de mensagens, mas nada saía dos meus dedos trêmulos. Um ridículo "oi" foi o começo de tudo. Luna respondeu com um sorriso-emoticon.

"Desculpe, mas, de onde nos conhecemos?", ele teclou, logo em seguida.

"Certamente de outras vidas", respondi, crente que havia escrito uma idiotice.

"Pode ser, pois você não me é estranho. Aliás, não posso negar que você é um homem atraente... meu número exato no quesito: Afinidade Física", ele escreveu, e acompanhando a frase havia mais um desenhozito, agora de um boneco encabulado.

"Esperooo que eu sejaoseu numerotb no questo emocional dacoisa", teclei, errando um bilhão de caracteres durante minha digitação afobada.

Abrimos um bate-papo com vídeo. E assim a mágica aconteceu. Ao ver Luna, ali, bem na minha frente, sem máscaras, sem mentiras, sem mais ilusões, eu sabia que nosso destino estava traçado para culminar no tão sonhado reencontro.

Ficamos um tempo indeterminado somente a nos observarmos mutuamente. Nossos olhares captavam as nuances dos nossos mais profundos sentimentos. Palavras eram totalmente inúteis. Já sabíamos que éramos um do outro, por mais absurdo que isso pudesse parecer durante parcos três minutos de conversa.

Teclamos por horas, onde a cada mensagem trocada, nossas afinidades se complementavam como que por encanto. A sintonia era tamanha, que um sabia o que

o outro estava pensando, chegando ao ponto de completarmos inúmeras vezes muitas frases tecladas de um para o outro.

Não havia defeitos marcantes entre nós. Não havia nada a ser superado. Mesmo naquele clima virtual, éramos reais, sinceros e autênticos. Não havia tramoias, disfarces, mentiras, meias palavras. Nada, absolutamente nada de falso a permear nossas alegrias.

O que muitos casais levariam anos para descobrir um do outro, nós o fizemos em questão de horas!

Teclávamos ora alucinadamente, ora com uma serenidade incrível. Nossos passados foram descortinados e todas as facetas da nossa atual existência foram expostas.

Descortinamos nossos traumas, dilaceramos nossos conflitos, eliminamos nossas angústias ali, na lata, sem demoras, sem rodeios, sem preconceitos, sem desculpas.

Éramos dois homens à procura da verdadeira união estável. E mesmo sentindo atração mútua no campo físico, iniciamos nossa escalada para o amor através do diálogo estritamente ponderado, cortante e sincero. Tal atitude foi a ponte para a nossa salvação e a nossa glória.

Abrimos a rodada de negociações tendo como testemunhas a Verdade mancomunada com a Franqueza. A Internet, cúmplice de nossos atos divinos, também testemunhava o nascimento de um amor inefável. Amizade inquebrantável, galgávamos a escada que nos conduziria ao ápice do encontro real, físico, palpável e definitivo.

Já era madrugada quando pedimos um tempo, de comum acordo, para organizarmos nossos pensamentos, atos e sentimentos. Com nossos rostos encharcados pela alegria, nos despedimos com beijos depositados nas pontas dos dedos mornos e anestesiados, tocando nossas telas em seguida, onde a vibração dos nossos corpos etéreos eclodia no interior de um laço cósmico que jamais seria desfeito a partir daquele instante.

Dormi em prantos, com a certeza de que a manhã vindoura seria abençoada por um Deus Misericordioso que realmente ama todos os seus filhos puros de coração.

Eu havia reencontrado meu Espírito-irmão.

* * *

A distância que separa Lovland do meu mundo é de exatos quarenta e dois quilômetros. Havíamos marcado nosso encontro no interior do Parque da Paz, um aconchegante e exuberante local repleto de mata nativa e de belezas naturais de tirar

o fôlego de qualquer amante do verde e das águas. Esse parque dava acesso à praia mais famosa de Lovland: Gobsun.

De pensar que eu frequentara por anos e anos a fio esse mesmo local, e que Luna morava a pouco mais de trezentos metros da entrada do parque. E nunca havíamos tido a chance de um contato!

O Destino é realmente um jogador de cartas macilento e solitário, dono de um incrível bom humor negro.

Sentado num banco de madeira, olhando pais e filhos divertindo-se entre passeios de bicicleta, carrinhos de controle remoto ou pipas multicoloridas bailando pelo ar, minhas pernas gelatinosas e inquietas sacudiam de um lado para o outro, entre choques involuntários dos meus joelhos amalucados.

Virando o V3 em giros de cento e oitenta graus, me dei conta de que ainda não havia ligado para Luna. Eu não sabia qual era o timbre exato da sua voz, nem a textura do seu riso em meus ouvidos. É claro que tínhamos trocado nossos números de telefone. Ainda faltava pouco mais de uma hora para o tão desejado encontro.

Não aguentei permanecer na Cidade Cinzenta por muito tempo naquele domingo sagrado, onde um sol benfazejo cobria meu corpo com seu abraço morno, acalentando minha ansiedade desnecessária.

Parti num dos primeiros ônibus disponíveis para a ilha. Cheguei cedo demais, deixando para trás tarde demais os meus anos de solidão involuntária.

Abri o celular, pressionei o número dois por alguns segundos e outra foto do meu amado surgiu em minha tela.

Toca, toca, toca. Preciso fechar o Motorola em concha. O medo quer tomar conta do meu desejo mais profundo. Sexto toque. Preparo-me para desligar o aparelho, mas um “Eu te amo” vibra em meu tímpano, que reproduz o sinal em ondas crescentes direto para minha alma que rodopia acima do solo arenoso.

Precisei apoiar meu corpo no banco de madeira para não cair de lado, o que seria patético aos olhos das pessoas que transitavam ao meu redor.

“Mau Springer, eu te amo. E se eu fosse você, olharia bem devagar à sua esquerda, na direção do seu coração!”, eclodiu a voz celestial.

Ao ver Luna praticamente ao meu lado, minhas pernas deixaram de ser sólidas. Bamboleantes, os ossos se desfizeram de imediato, resultando em um pó tão delicado como talco infantil. Meu orgulhoso olhar azul profundo ficou embaçado com o rio de lágrimas que turvavam minhas retinas acuadas.

Busquei apoio nas pernas macias do meu menino, que carinhosamente puxou para si aquele homenzarrão-chorão durante um abraço que não era desse mundo. Tínhamos quase a mesma altura!

Tentando centralizar o equilíbrio do meu corpo, caminhávamos em arrastos por uma trilha que nos conduziria a um lugar mais tranquilo, bem menos acessível ou infestado de domingueiros.

Já no nosso jardim secreto, tudo conspirava ao nosso favor: a luz do sol, o canto dos pássaros, o marulho das ondas, a leve brisa que refrescava nossas peles e almas afogueadas.

Instintivamente, deitamos na grama bem cuidada, e trocamos um novo abraço repleto de ternura, onde o roçar das nossas peles translúcidas dava início à centelha que propagaria a chama divina que somente espíritos-irmãos têm em comum. Sabíamos que era o começo da troca de energias restauradoras que nos manteria unidos para todo sempre.

Novamente, as palavras eram desnecessárias. Os bonequinhos verde e azul do MSN criaram vida. De corpo presente, nossos olhares bailavam em sintonia total e respondíamos um ao outro com nossos sorrisos triunfantes a cada pergunta mental que ainda necessitava de algum tipo de comprovação de ambas as partes.

Diferente de milhões de outros relacionamentos onde tudo começa e acaba com sexo calculista, eu e Luna fazíamos amor através dum olhar intenso e do leve toque preciso.

Suas mãos finas e frias, de dedos dotados de uma deliciosa textura, acariciavam meus lábios cítricos, ora brincando nas minhas bochechas róseas, roçando em minha barba de quatro dias, ora tocando a ponta do meu nariz afilado.

Eu retribuía todo aquele carinho envolvendo o corpo do meu menino entre meus braços fortes, posicionando sua cabeça bem no centro do meu peito aconchegante.

Meus pelos amarelos, começando a ficar grisalhos, serviam como um travesseiro macio que emanava odores perfumados que lembravam o mel e o maracujá, numa mistura de paixão e doçura alquimisturados na medida exata.

“Luna, tudo o que relatei através do MSN, o que revelei a você é a mais pura vertente da verdade. Pela primeira vez na minha vida, consegui ser totalmente aberto e sincero ao despejar sobre você meu mais profundo ser, aonde até mesmo detalhes obscuros da minha existência vieram à tona. Não há nada em mim que você não saiba. Sou a transparência viva aqui e agora, finalmente, ao seu lado”, eu vibrei para o meu menino ao pé do ouvido, tentando sem sucesso controlar minhas emoções que eu sabia que não deveriam ser mais contidas.

“Eu acredito e confio em você, Mau”, sussurrou um Luna sereno, levantando-se como a flutuar nas entrelinhas do Vento Sul, mudando a posição do seu corpo para ficar com o rosto colado ao meu.

“Olha só, Lindão. Mesmo sendo mais jovem do que você, nem por isso deixei de viver experiências idênticas as suas. Aliás, acredito que vivemos praticamente as mesmas coisas, com apenas a diferença natural do tempo que nos separou durante essa existência”, continuou Luna, numa postura adulta e séria, entrecortando cada frase com um beijo discreto e provocante em minha boca de lábios semiabertos.

“Mas tudo isso ficou para trás. A partir de agora, resta-nos apenas unir de uma vez por todas aquilo que não pode mais ser separado. Devemos concluir o ciclo a que fomos destinados. Vamos lutar pelos nossos interesses, pelo bem em comum e simplesmente viver dignamente, irradiando todo esse nosso amor e nossa energia não só entre nós, mas principalmente para coisas práticas que possam trazer alegria e bem-estar a quem cruzar nosso caminho. Afinal, não podemos viver um amor egoísta”, completou Luna, beijando-me com intensidade. Sua língua delicada tinha um gosto adocicado. Enlouqueci.

“Sim, concordo com seu ponto de vista. E assino embaixo!”, ri, desajeitado, sedento de vontade de repetir o último beijo.

Luna, iluminado, havia revelado o segredo do sucesso para um relacionamento se manter forte e duradouro.

Chegada a hora do nosso encontro (ou seria um reencontro?) e conscientes da nossa vitória, não seria justo mantermos todo esse carinho e amor represados dentro de nossos corpos ou até mesmo dentro de quatro paredes físicas.

Era evidente que lutaríamos a partir daquele instante para construirmos nosso lar, edificarmos nossa relação e trocarmos nossos conhecimentos e experiências de vidas que viessem a nos beneficiar no lado profissional, pessoal, sexual e afetivo.

Porém, a grandeza do nosso ato seguiria muito além dos nossos domínios. Tínhamos a chance única de converter todo o sentimento mágico recém-descoberto para o maior de todos os amores possíveis: o amor fraternal.

Usaríamos a nossa alegria de viver e a harmonia que imperava em nossas almas que haviam se tornado uma só e reverteríamos esse privilégio em atos caridosos que beneficiassem todos aqueles que passassem a fazer parte de nossas existências.

“O que faremos agora?”, perguntei ao meu menino, obviamente já prevendo a resposta.

Luna, com um olhar maroto, deu um salto, pondo-se de joelhos ao meu lado. Apanhou algo que estava oculto num dos bolsos do seu calção laranja.

Na palma de sua mão esquerda, dois anéis emborrachados reluziam seus tons multicores dentro de um saquinho de plástico transparente em contraste com a brancura daquela pele angelical.

Comecei a rir sem controle, pois quando cheguei à ilha naquela manhã, ao passar por uma barraca de artesanato administrada por um simpático argentino assim que entrei no parque, avistei no meio de suas artes dezenas de anéis idênticos aos que Luna havia comprado. Dentre os inúmeros motivos estampados, fui agraciado com um anel repleto de golfinhos pintados em azul e branco. E Luna ficou com aquele repleto de estrelas e luas em tons amarelos e laranjas.

“Sem alianças...”, ele começou.

“... não há casamento!”, complementei, ganhando um beijo molhado como recompensa. Nossas línguas debatiam-se em polvorosa dentro de nossas bocas gulosas.

“Maurício Springer, meu amor, aceite esse anel como símbolo do meu respeito, da minha fidelidade, do meu companheirismo, amor e amizade por toda vida”, sussurrou Luna, entre lágrimas e soluços incontidos, enquanto posicionava o anel em meu dedo sambaleante.

“Luna Feurig, meu menino, aceite esse anel como símbolo da minha gratidão, do meu eterno respeito, da minha mais profunda fidelidade, do meu incondicional companheirismo, amor e amizade autêntica por toda a eternidade”, discursei ao meu menino-homem, deslizando carinhosamente o pedaço de borracha em seu dedo resoluto.

Selamos a nossa cerimônia com um longo e mágico abraço magnético.

Ao desfazer o laço que fundia nossos corpos, onde apenas nossas mãos abençoadas pelos raios do astro-rei permaneciam inseparáveis, ouvimos uma discreta salva de palmas vindas da segunda trilha que ligava a mata fechada à maravilhosa praia de Gobsun.

Ainda muito emocionados, constrangidos por termos sido vistos por estranhos, timidamente olhamos ao nosso redor, até nos depararmos com um simpático casal de idosos que havia acompanhado, em silêncio, nossos votos de amor eterno.

Eles se aproximaram, nos aplaudindo com maior intensidade. A senhora de cabelos azulados posicionou suas mãos calejadas por sobre a cabeça de Luna. E o senhor de pele enrugada, dono de um olhar cândido, beijou-me o alto da cabeça com carinho de pai.

“Eu abençoo a união de vocês!”, disse a mulher, em alemão, com os olhos selados por lágrimas a escorrer em borbotões.

Logo em seguida, já eretos, aprumando nossas roupas e corpos amarfanhados, trocamos fervorosos abraços com nossos inesperados padrinhos de casamento. Preparávamos para nos despedir, quando a senhora, que se chamava Salma, puxou-me com certa aspereza, dizendo:

"Escute aqui seu grandalhão, vocês trocaram as alianças e juras de amor eterno, certo? E o senhor não está se esquecendo de nada não?"

Completamente sem jeito, corando até concentrar todo o sangue do meu corpo unicamente sobre meu rosto afogueado, minha madrinha, abrindo uma contagiante gargalhada, disse em uníssono com seu marido, até então silencioso:

"Está na hora de beijar novamente o seu noivo!"

"*Yeah*!", replicou o velhote, quebrando de vez toda nossa timidez.

●

●

PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: Moa Sipriano

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: pixabay.com · dafont.com

SITE OFICIAL & CONTATO: moasipriano.com · escritor@moasipriano.com